

A EXPLICAÇÃO DE SÃO BOAVENTURA DE BAGNOREGIO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DAS CIÊNCIAS PELA VIA TEOLÓGICA

Conceição Solange Bution Perin

Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí – FAFIPA
e-mail: sol_perin@yahoo.com.br

Esse estudo é uma análise sobre as discussões religiosas/educacionais do final do século XIII, realizadas por São Boaventura de Bagnoregio (1217-1274), nas quais ele trata da importância do desenvolvimento da inteligência para analisar e entender os escritos religiosos. O autor destacava para o uso do intelecto como a possibilidade do indivíduo diferenciar os caminhos da vida a serem seguidos conforme os mandamentos divinos trilhados, sempre de acordo com os princípios cristãos.

Para Boaventura, o Criador deu aos indivíduos a inteligência e era por meio dela que os homens poderiam entender as ciências deixadas à eles, para compreenderem o mundo. O autor considerava esse o ponto inicial para crer na existência de Deus e nos seus ensinamentos, porque era pela ciência, infundida nos homens por Deus, que se revelava o início e o fim de todas as coisas.

Desse modo, a inteligência levava, também, a entender o caminho dos erros e das virtudes, virtudes que, segundo o autor, eram aquelas oriundas de comportamentos que obedecessem a lei divina. Estes deveriam permitir aos homens viver em amor, com sentimento ao próximo, sem apego aos bens materiais. Boaventura era franciscano e, como tal, fizera e obedecia o voto de pobreza próprio da ordem e que estabelecesse um seguimento puro de coração, sem as maldades criadas pela ânsia da conquista de riqueza e de poder. Para explicitar essa idéia, Boaventura menciona a Igreja e as palavras de *Eclesiástico*, a fim de analisar a importância da união dos homens pelo sentimento de amor.

De plus, il faut parler à l'Église, assemblée d'êtres raisonnables unis par la cohésion unanime et uniforme de la paix divine. C'est pourquoi il est dit dans *l'Éclesiastique* : <<Les fils de la sagesse forment l'assemblée des justes, et leur nature est l'obéissance et l'amour>>. L'Église, en effet, réalise la comunión de ceux qu'unit un amour mutuel.¹

Segundo o autor, a Igreja favorecia a união dos homens com os sentimentos de amor e de paz, pois a esta, pautada nos Ensinamentos Divinos, analisava esses sentimentos como

duas virtudes indiscutíveis para a sociedade viver bem. Somente o amor poderia causar a união com todos e levar ao desapego de outros fatores que conduziam a desarmonia social.

Para o mestre franciscano, somente a inteligência favorecia o indivíduo a refletir e analisar sobre os seus próprios atos e comportamentos. Nesse caso, o desenvolvimento do intelecto era a premissa da explicação para as demais questões e seria o primeiro passo de entendimento de todas as coisas criadas por Deus. Em última instância, o intelecto fora dado aos homens por Deus e era por meio dele que o homem criaria todas as coisas e, mais importante, entenderia a própria existência divina.

O autor apresenta que desenvolvimento do intelecto como principal meio de compreensão de tudo e que esse desenvolvimento só poderia acontecer vinculado ao entendimento de que Deus é a própria inteligência. Para tanto, ele afirmava que,

*Um só é o vosso mestre, Cristo (Mateus, 23,10). Com estas palavras exprime-se com clareza qual seja o princípio fontal da iluminação cognoscitiva, isto é Cristo, que, - como diz Hebreus, 1,3 – é irradiação da glória e imagem de sua substância, e a tudo sustenta com o poder de sua palavra; ele é origem de toda sabedoria, segundo Eclesiastes 1,5: Fonte da sabedoria é a palavra de Deus nos céus. O mesmo Cristo é então a fonte de todo o conhecimento certo.*²

As explicações de Boaventura esclareciam que o único meio de entendimento para tudo era entender Cristo como único mestre e como fonte de sabedoria. Único mestre porque é o criador de tudo e de todos, e fonte da sabedoria porque deu aos seres humanos a inteligência para poder conhecer as coisas e entendê-las por meio de suas criações. Assim, para compreender as exigências que estavam ocorrendo e se adaptar a elas sem se esquecer dos mandamentos de Deus, era preciso re/organizar o pensamento e saber que a Teologia era a explicação de todas as ciências.

Pensando nessa questão posta por Boaventura, devemos lembrar que para as atividades comerciais os homens foram em busca das ciências para o conhecimento de novos territórios, de outras culturas, da realização dos cálculos etc. Por isso, Boaventura escreveu sobre a *Redução das ciências à Teologia*, dizendo aos indivíduos que as ciências explicavam as coisas, porém, isso só era possível porque Deus é o centro de toda ciência.

E assim fica manifesto como a *multiforme sabedoria de Deus (7)*, que com grande clareza se nos manifesta na Sagrada Escritura, oculta-se em todo o conhecimento e em toda a criatura. Fica manifesto também, como todo o conhecimento está subordinado à Teologia, e por isto ela assume os exemplos e utiliza a linguagem pertencentes a qualquer outro gênero de conhecimento. Fica manifesto, igualmente, quão ampla é a via iluminativa, e

como no íntimo de toda a coisa que se sente ou se conhece está presente o próprio Deus. – E este há de ser o fruto de todas as ciências, que por meio delas se edifique a fé [...].³

Para o autor, conhecer profundamente as coisas correspondia entender Deus como a própria sabedoria e criador de tudo. Logo, a prova de sua existência só está explícita nas Sagradas Escrituras, pois nelas estão os seus ensinamentos.

As atividades comerciais, por sua vez, exigiram a necessidade de aprender por meio das ciências, pois era preciso conhecer, saber como agir e saber como se relacionar. Isso levou os indivíduos a buscarem outros conhecimentos e adquirirem uma ‘nova educação’ para conviver socialmente, assim como se instruírem para administrar suas riquezas e outros elementos necessários à convivência social.

A estrita relação de convivência entre os homens, isto é, a proximidade humana acabou fortalecendo alguns sentimentos, como, por exemplo, a ambição que, muitas vezes, abarcava ideais de combatividade, de luta e de conquista. O luxo que, com o comércio, foi aos poucos se transformando em forma de distinção social, revelando o que cada um possuía conforme os aparatos que o ornamentavam.

Quanto a esses sentimentos, Boaventura ensinava aos seus ouvintes que os homens, ao despertarem esses sentimentos e não discerni-los entre o limite do bem e do mal, ou seja, saber dominá-los para não tornarem-se dominados, provocam em si um conflito de obediência e de compreensão sobre os ensinamentos de Deus.

Para esse autor aquele que caía na vontade do corpo estava corrompido pelo pecado e, se não pedisse o perdão de Deus, entraria na vida de pecador, sempre em busca de poder, de ambição e sem nenhuma preocupação com o próximo. Para esse autor, caso não houvesse uma preocupação dos indivíduos com a devida interpretação das Palavras de Deus, a sociedade poderia ser corrompida pelo pecado e, como afirma o autor, ‘inclinarse para o mal’, agindo cada um para si, com sentimento de egoísmo e causando a desorganização social.

[...] O pecado não é uma entidade, mas defeito e corrupção, pela qual se corrompe o modo, a espécie e a ordem na vontade criada. Por isso, a corrupção do pecado é contrária ao seu próprio bem, mas, apesar disso, não possui existência a não ser no bem, nem tem outra origem a não ser no bem, que é o livre-arbítrio da vontade. Este não é de todo mau, pois pode querer o bem; nem é de todo bom, pois pode inclinar-se para o mal.⁴

O defeito e a corrupção pelos quais os homens praticavam o pecado, Boaventura entendia que não vinham junto com o princípio da origem, pois na criação do homem foi dado a ele o bem. Porém, a escolha, feita pela vontade, muitas vezes se deixava envolver na fraqueza pelas coisas que traziam o prazer momentâneo, a satisfação do corpo e o esquecimento do bem da alma. Conforme Boaventura, o homem foi criado com as condições de conhecer o que está fora de si, dentro de si e de entender as coisas externas e internas a ele por meio de Deus. Porém, para o autor, ver as coisas que o cercam e saber o que sente não é difícil, o difícil é reconhecer Deus como o criador de tudo e, assim, reconhecer alguns sentimentos contrários aos ensinamentos divinos para a convivência social e que, portanto, eram considerados pecados.

Em virtude dessa compreensão da mente humana, oriunda da luz divina, Boaventura compreende e ensina os escritos teológicos e filosóficos e, é com esse princípio que também discute a vinculação da Teologia à reflexão sobre as coisas terrenas, no sentido de explicar o mundo pelos ensinamentos da *Sagrada Escritura*, leva-nos a analisar a importância de suas afirmações e de suas conferências no embate ocorrido no interior das universidades. Para ele:

Toda a dádiva preciosa e todo dom perfeito vem de cima, descendo do Pai das luzes, diz São Tiago, no capítulo primeiro. Nestas palavras alude-se à origem de toda a iluminação e, ao mesmo tempo, insinua-se com elas a liberalidade com que múltiplas luzes emanam daquela luz primeira, fonte de toda luz. Embora toda a iluminação do conhecimento seja interna, podemos, contudo, introduzir uma distinção de razão e dizer que há uma luz exterior, a luz da arte mecânica; uma luz inferior, a luz do conhecimento sensitivo; uma luz interior, a luz do conhecimento filosófico; e uma luz superior, a luz da graça da *Sagrada Escritura*. A primeira luz ilumina no que se refere às figuras ou objetos artificiais; a segunda, no que se refere à forma natural; a terceira, no que se refere à verdade intelectual; e a quarta e a última, no que se refere à verdade da salvação.⁵

Segundo Boaventura, Deus é a luz maior, da qual derivam várias outras. A partir dela, em uma ordem crescente de importância, ele explica todas as outras luzes: a primeira supre as necessidades do proveito e do prazer do corpo; a segunda, relacionada com os cinco sentidos, faz com que os homens percebessem as formas corpóreas, vindas do exterior para a luz interior, isto é, representa a sensibilidade interna de cada ser humano; a terceira diz respeito ao conhecimento filosófico “[...] que se chama interior, porque inquirir as causas interiores e secretas, o que se obtém pelos primeiros princípios das ciências e da verdade natural [...]”.⁶ Para o autor, essa luz divide-se em racional, natural e moral, da seguinte forma: a racional

proporciona a compreensão do discurso, a natural é o entendimento das coisas na sua totalidade e a moral corresponde à luz dos costumes.

O conhecimento filosófico pode, ainda, ser entendido de três maneiras: quando rege o entendimento das faculdades motoras, é moral; quando relacionado ao conhecimento próprio, é natural; quando se insere na faculdade interpretativa, é discursivo. O conhecimento filosófico discursivo, para Boaventura, correspondia à reflexão que os indivíduos conseguem fazer a respeito da própria vida, ao entendimento interior que se externa por meio da palavra oral ou escrita.

Desse modo, quando bem interpretado, relaciona-se à compreensão da fé e dos ensinamentos divinos, podendo expressar o amor ou ódio: “[...] por isso, a filosofia discursiva, ou racional, divide-se em gramática, lógica e retórica, sendo que a primeira ordena à expressão, a segunda à instrução e a terceira à persuasão”.⁷

De acordo com Boaventura, a gramática, a lógica e a retórica cumprem funções essenciais para o desenvolvimento intelectual: a gramática envolve a apreensão; a lógica, o julgamento; a retórica, a função motiva. Logo, as três devem fazer parte do discurso reflexivo, de forma a complementar a veracidade e a elegância com que se conduzem essas três luzes.

Na ordem descrita, a quarta e última luz eram a mais importante, porque conduzia os objetivos superiores: era a da *Sagrada Escritura*, tripartida em alegórica, moral e anagógica¹. Boaventura explica esses três sentidos:

A quarta luz, que ilumina acerca da verdade sobrenatural, é a luz da Sagrada Escritura, a qual é chamada de luz superior pelo fato de conduzir a objetivos superiores, manifestando o que está para além da razão e também pelo fato de descer do *Pai das luzes* não pela descoberta humana, mas por inspiração divina. Esta luz, embora seja uma, segundo o sentido literal, é, contudo, tríplice segundo o sentido espiritual e místico. Portanto, em todos os livros da Sagrada Escritura, além do sentido literal, que as palavras expressam exteriormente, encerram-se três sentidos espirituais, a saber: o alegórico, pelo qual se nos ensina o que devemos crer a respeito da divindade e da humanidade de Cristo; o moral, pelo qual se nos ensina como devemos

¹ Jean Lauand, pautado na obra *De Universo* de Rábano Mauro (c.784-856), explica o alegórico, o moral e o anagógico da seguinte forma: *Nessa obra, Rábano Mauro distingue dois sentidos na Sagrada Escritura: o literal e o figurado. Este divide-se em alegórico (revela verdades sobrenaturais ocultas para os profanos), tropológico (ou moral, move a agir bem) e anagógico (conduz ao fim último e revela a razão de ser da vida)*. MAURO, Rábano. *De universo*, Trad. Jean Lauand Capítulo III do Livro XVIII: *De numero* (PL CXI, 489-495).

viver; e o anagógico, pelo qual se nos ensina o caminho para aderir a Deus. Donde se deduz que toda a Sagrada Escritura nos ensina estas três coisas: a geração eterna e a encarnação de Cristo, a norma de viver e a união entre Deus e a alma. A primeira refere-se à fé e a segunda aos costumes; sobre a segunda, a dos pregadores; sobre a terceira, a das almas contemplativas.⁸

Fica claro assim que, para o autor, a luz divina, aquela que está além do que o homem pode entender pelos olhos da razão, conduz todas as outras. Ele acrescenta que, divididas a princípio de forma quádrupla, as luzes podem ser entendidas por uma divisão de seis partes: a que se refere à Sagrada Escritura, ao conhecimento sensitivo, à arte mecânica, à filosofia racional, à filosofia natural e à filosofia moral: “Portanto, há seis iluminações nesta vida, e elas terão ocaso [...] e suceder-lhe-á o repouso do sétimo dia, que não conhece o ocaso, o que é a iluminação divina [...]”.⁹

Para Boaventura, a luz maior, superior a tudo e a todos, é a luz divina, enviada por Deus e depois dividida hierarquicamente em outras luzes, que determinam uma seqüência para a estabilidade dos filhos de Deus e, portanto, de seus seguidores e para seu retorno ao Criador.

Logo, para ele a preparação e o ato de celebração da missa era um dos momentos mais importantes para estabelecer o contato entre o representante da Igreja e os ouvintes porque era pela pregação que os Ensinamentos Sagrados eram difundidos. Por ser a missa um momento espiritual de oração e ensino é que Boaventura se dedica a orientar o celebrante sob todos os aspectos.

Em honra da gloriosa e indivisível Trindade e do santíssimo sacramento, dos preciosos corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, vou expor-te um método, mediante o qual podes facilmente chegar à contemplação de tão sublime mistério, e dispor-te convenientemente para recebê-lo. Não leias este tratado apressadamente e com ruído de palavras, mas procura gravar com eficácia seu sentido no coração. Com íntimo afeto e solicitude perpende cada uma das palavras, no seu todo ou em parte, conforme rezam.¹⁰

As palavras correspondiam a um significado completo de todo o processo que iniciava no próprio exame de si mesmo. Segundo Boaventura, era por meio das palavras bem entendidas e refletidas que o sacerdote tinha a inspiração de difundir as mensagens das Escrituras, aos homens que o ouviam. Desse modo, para ensinar, o celebrante precisaria conhecer com profundidade os Escritos Sagrados e ter domínio da retórica para convencer seus ouvintes.

A preocupação sobre as questões religiosas, a fé em Deus e inclusive a forma como o representante da igreja iria fazer a celebração, estava incutida nas transformações sociais que o autor visualizou na sua época. Boaventura compreendia que, cada vez mais, as alterações sociais se intensificavam com o desenvolvimento do comércio e das cidades, pois estes apresentavam a necessidade de proximidade de pessoas, de mudanças de ações e um dia-a-dia que, aos poucos, deixava de ser o de vivência no campo, para se tornar urbano, com diferentes culturas, idiomas e comportamentos educacionais.

Boaventura entendia que ao examinar a si mesmo e se auto compreender, o celebrante entenderia a importância da missa porque por meio dela se ensinaria ao homem a ser cristão. O objetivo do representante religioso deveria ser de os seguidores apreenderem e sentirem que, somente pela conversão da fé e das boas ações é que atingiriam o paraíso celeste, final de todo cristão justo. Nesse sentido, o pregador precisaria ter convicção de seu conhecimento e certeza do ensino.

Segundo o autor, a maior representação da presença de Deus na Igreja, era o pão e o vinho, o pão significava o corpo do Criador e o vinho o sangue. Logo, como o corpo não vive sem o sangue, juntos, corpo e sangue, representavam a vida. O mestre ainda explicava que a representação do pão e do vinho era porque correspondia a melhor alimentação do homem: “[...] o pão alimenta a carne e o corpo, e o vinho se converte em sangue, que é a sede da alma”.¹¹ O franciscano afirmava que o celebrante ao aproximar-se do altar teria que estar puro de espírito e convicto de que o que ensinava era a palavra correta.

Repara também que era conveniente darse-nos Cristo sob forma tão velada. Pois, que valor teria a tua fé se Jesus te aparecesse em sua própria forma visível? Adorá-los-ias forçosamente. Porém, como suportariam tamanha glória os teus olhos carnis? E que insensato presumiria comer a carne crua e o sangue de um homem em sua própria forma? – Afasta-te, portanto, toda dúvida, pois que, assim como outrora esteve oculta a divindade nas estranhas virginais, e o Filho de Deus apareceu visível ao mundo sob véu da carne humana, assim também a humanidade glorificada unida à divindade está oculta sob a forma do pão e do vinho, a fim de acomodar-se a nós mortais.¹²

O mestre justifica a invisibilidade de Deus, explicando que a fé era justamente a crença naquilo que não se via, mas que se acreditava. Nesse sentido, para o autor, o Criador está em todas as coisas, se apresenta nas diferentes formas, tempo e lugares. Na Igreja, ele estaria representado pelo pão, pelo vinho que saciava a sede e a fome dos homens, mas também pela palavra pregada pelo celebrante.

Como o pregador estaria transmitindo os ensinamentos divinos, este precisaria expressar a bondade, o amor, e a humildade para a boa convivência. Com efeito, para ser cristão de acordo com o mestre franciscano, o homem precisaria desenvolver e fazer uso do intelecto para viver bem e praticar atos que conduzisse o bem comum da sociedade. Todavia destaca sempre o fato de o Intelecto ser um dom divino. Citamos abaixo uma das passagens do livro *Legenda Maior e Legenda Menor; vida de São Francisco de Assis*, no qual o autor faz o seguinte comentário sobre a humildade de São Francisco e o bom relacionamento,

Como o comerciante de que fala o Evangelho, querendo Francisco ganhar sempre mais e tornar produtivo cada um de seus instantes, procurou ser súdito e não superior, obedecer e não mandar; por essa razão, renunciou ao cargo de superior geral, pedindo um guardião a cuja vontade se submeteu em todas as circunstâncias [...] Certa vez disse aos companheiros <<Entre os benefícios que Deus me concedeu em sua bondade, obtive a graça de estar pronto a obedecer com igual solicitude a um noviço de uma hora que me fosse dado como guardião ao irmão mais antigo e mais experimentado. Um súdito não deve considerar em seu superior o homem, mas aquele por amor do qual ele aceitou obedecer. Quanto menos digno o superior, tanto mais agrada a Deus a humildade daquele que obedece>>¹³

Seguidor dos ensinamentos de São Francisco, Boaventura considerava que a arrogância e o apego aos bens materiais favoreciam o desvio de conduta direcionado por Deus. Essa era uma das razões pela quais os indivíduos deveriam refletir sobre as palavras do Criador, pois assim, entenderiam que o uso da inteligência poderia se transformar em sabedoria e, com isso, fazer uso positivo da luz divina, ou seja, o intelecto.

Nesse sentido, o pregador deveria ser o exemplo de quem melhor faz uso do intelecto, pois por meio dele a luz, a fé, a bondade, a caridade, a paz seria externada, exemplificada e ensinada aos homens. Com efeito, o pregador precisaria externar sempre, em primeiro lugar, sua fé. pois “[...] conforme adverte o apóstolo, e observa diligentemente com que fé, com que amor, com que intenção e por que te aproximas”.¹⁴

[...] em primeiro lugar pondera que fé debes possuir acerca da verdade ou essência deste sacramento. Deves crer firmemente, e de maneira nenhuma duvidar, segundo ensina e prega a fé católica, que, no momento da pronúncia das palavras de Cristo, em razão do ministério e do ofício sacramental, o pão material e visível, isto é, a espécie visível dos acidentes, cede seu lugar ao pão vivo e celestial que honra o verdadeiro Criador.¹⁵

Nesse sentido, o autor seguia detalhadamente os critérios pautados nos Escritos Sagrados e propostos pela igreja católica, como regras que davam o direcionamento da

melhor forma de aproximação com o Criador e de se assemelhar com as ações e sentimentos praticados pelo filho da Deus, exemplo maior a ser seguido.

Cabe ressaltar que Boaventura estava tratando sobre questões que ele considerava necessárias para a re/organização dos indivíduos na sociedade. Para ele, os valores sociais que deveriam prevalecer, eram aqueles que tinham a preocupação com todos, ou seja, que não determinava o individualismo como melhor forma de sobrevivência. Entretanto, segundo esse autor, o desenvolvimento do comércio e das cidades estava favorecendo comportamentos que se voltavam, principalmente, para o individual e para a vaidade.

Essas interpretações realizadas por Boaventura os levam a entender que ele as via como essenciais para a re/organização social e eram tratadas como fundamentos para a humanidade. Hoje, século XXI, essas mesmas questões como a paz, o amor, a reflexão das palavras, o controle da língua e a oração dentre outras questões que esse clássico analisou, podem ser consideradas como preservação da cultura religiosa, pois além de estarem presentes nas discussões atuais sobre religião.

Assim, quando esse autor comenta sobre a paz, ele a coloca como primórdio da perfeição da vida, ou seja, aquele que conseguia ter ou preservar a paz, provavelmente, seguia os ensinamentos de Deus e tinha o corpo e a alma sustentados pela base das Sagradas Escrituras.

[...] é-lhes igualmente necessário o silêncio, pelo qual é conservada a paz, tanto do coração como do corpo. Neste sentido, diz o profeta *Isaías*, considerando a virtude do silêncio: *A obra da justiça é a paz, e o culto da justiça é o silêncio*, como se dissesse: tal é o poder do silêncio que conserva no homem a justiça para com Deus e entre os semelhantes nutre e guarda a paz. Se o homem não põe com muito cuidado *uma guarda à sua boca*, não só dissipará bem cedo as graças que recebeu, mas incorrerá ainda em muitos males.¹⁶

Assim, Boaventura analisava a língua como um pequeno órgão que provocava intemperanças na vida das pessoas e, quando os sujeitos não soubessem fazer bom proveito desse órgão acabariam transformando-a, conforme as palavras do autor, em um “veneno mortífero”.

[...] Queres ouvir e saber quantos males produz a língua, quando não é guardada solícitamente? Pois ouve: a língua produz a blasfêmia, a murmuração, a defesa do pecado, o perjúrio, a mentira, a detração, a adulação, as pragas, as injúrias, as rixas, a ridicularização dos bens, os maus conselhos, a difamação, a jactância, a revelação dos segredos, as ameaças e promessas arrogantes, o excesso no falar, a chocarrice. É na verdade, uma grande vergonha para o sexo feminino e uma grande desonra para as virgens

consagradas a Deus, quando não guardam a disciplina da sua boca e da sua língua, causadora de tantos males. Não receio dizer que em vão se gloria possuir a virtude no seu coração o religioso que com sua loquacidade perturba o silêncio: *Pois se alguém, como diz a Escritura, fulga que é religioso, não refrando a sua língua mas reduzindo o seu coração, a sua religião é vã.*¹⁷

As observações desse autor, referente ao uso não reflexivo da língua, se pautavam também, em uma preocupação com aqueles que tinham o poder da fala e precisavam fazer uso dela para ensinar as Sagradas Escrituras, pois, o mau falar e a má interpretação dos ensinamentos divinos, ocasionariam distorção de compreensão nos ouvintes, causando promovendo dificuldades ao entendimento sobre as Santas Palavras.

No livro *I Fioretti de São Francisco*, escrito pelos discípulos de São Francisco, um dos capítulos é dedicado ao bom e mau falar, escrito por Frei Egídio, fiel companheiro de São Francisco. Nesse capítulo, Frei Egídio esclarece sobre a importância dos pregadores falarem das virtudes, de como os homens, ao tornarem-se virtuosos, receberiam a graça divina, pois Deus apreciava àqueles que tinham a obediência, a paciência, a perseverança e medida certa das palavras.

[...] Não repudo menor virtude saber bem calar, do que saber bem falar; e por isso me parece que o homem deveria ter o pescoço tão comprido como o grou, a fim de que, quando quisesse falar, sua palavra passasse por muitos nós antes de lhe chegar à boca; isto é, quando o homem quisesse falar, antes pensasse e repensas e examinasse e discernisse muito bem o como e o porquê e o tempo e o modo e a condição do auditório e o próprio efeito e a intenção do seu propósito.¹⁸

Podemos perceber que esses homens detalhavam a melhor forma, considerada por eles, para o comportamento, o controle de si mesmo, dentre outras questões abordadas nesse período. As questões educacionais estavam presentes nos seus discursos, pois procuravam educar o homem para a sociedade da época. Quando Frei Egídio propunha aos pregadores que falassem sobre as virtudes, que pensassem para falar, ou seja, tivessem o controle da língua, ele estava propondo que existisse organização de comportamento e de ação, e que esses comportamentos partissem dos homens que lideravam grupos ou que se destacam na sociedade como modelos a serem seguidos, como eram os pregadores, os sacerdotes.

Nesse sentido, os franciscanos podem ser considerados, historicamente, como modelos de homens que conquistaram multidões por meio das pregações, das ações e dos comportamentos fundamentados nas Sagradas Escrituras.

Logo, a reflexão das palavras e das ações, pelo sacerdote, era primordial para a celebração da missa. Nesse sentido, Boaventura explicava que os seres humanos eram uma unificação de Deus e homem, pois Cristo foi homem de corpo, mas tinha a cabeça de Deus. Desse modo, poderia ser entendido que se cabeça e corpo não deveria se separar, era um só, o homem teria Deus com ele e poderia ser a sua semelhança se seguisse o mesmo caminho de bondade e pureza de coração que Cristo teria seguido. Todavia, como o homem não é um ser perfeito como Deus, somente poderia chegar próximo a essa perfeição se desenvolvesse e usasse o intelecto para seus atos e palavras.

Boaventura em todas as suas afirmações apresentava a inteligência como o ponto principal de qualquer compreensão realizada pelo indivíduo. Se analisarmos que o autor posicionava Deus como o centro de toda natureza e que a inteligência era o único caminho de compreender o poder divino e as suas Palavras Sagradas, podemos compreender que para o mestre franciscano Deus era a própria inteligência e estava unificada ao homem, assim como corpo e cabeça, que não se separavam.

Portanto, quando Boaventura pedia ao sacerdote que pregasse os ensinamentos na Igreja para examinar a sua intenção e disposição ele estava afirmando que a consciência e o corpo não deveria ter nenhuma mancha que poderia deixar o Senhor ofendido. Por isso que, alguém para pronunciar as palavras de Deus tinha que ser uma pessoa especial, no sentido de fazer uso da inteligência e saber interpretar as Palavras Sagradas.

Examina o teu interior. Considera a iniquidade de tua alma. Medita quantos males cometeste desde a tua meninice; quantos bens descuidastes; quão breve é a vida, quão incerta a morte; quão escorregadiço e perigoso o caminho da nossa existência. Investiga particularmente se, porventura, o que Deus não permitia, depois da tua última confissão e contrição caíste em pecado mortal ou tiveste o propósito de pecar, de sorte que esteja morta a tua alma e decepada da raiz de Cristo e da Igreja, porquanto o pão da vida divino manjar não exerce influxo vital nem confere alimento aos membros separados e mortos, conforme diz a Escritura: *Na alma maligna não entrará a sabedoria nem habitará no corpo sujeito ao pecado*. Daí resulta que esses embora recebam o sacramento, todavia não recebem os efeitos do sacramento, isto é, a graça de Cristo e seu divino amor.¹⁹

Tão completa era a inteligência, posto que era divina, que o uso desta, permitia ao homem discernir os diferentes seres que compunham o mundo e a finalidade de cada um, seja pelo raciocínio, pela crença ou pela contemplação.

O sumo poder do Criador, a sua sabedoria e a sua bondade resplandecem nas realidades criadas conforme o revelam os sentidos corporais ao sentido por três modos. Com efeito, os sentidos externos servem a inteligência, quer

ela raciocine, quer ela creia, quer ela contemple. Pela contemplação a inteligência considera a existência atual das coisas, pela fé o seu curso habitual e pelo raciocínio a sua excelência potencial. Quando a inteligência considera as coisas em si mesmas, seu olhar descobre nelas o peso, o número e a medida, o peso que as faz tender a um lugar, o número que as distingue e a medida que as limita. E, assim, percebe nelas o seu modo de ser, a sua beleza e a sua ordem, como também a sua substância, a sua potência e a sua atividade. Eis como, pelo vestígio das coisas criadas, a inteligência pode elevar-se ao conhecimento do poder, da sabedoria e da imensa bondade do Criador.²⁰

O desenvolvimento da inteligência propiciava a compreensão de tudo que Deus criou e colocou no universo, com alguma finalidade. Desse modo, a inteligência poderia analisar todas as coisas e dependia do seu desenvolvimento para atingir as fases da contemplação, da fé e do raciocínio. Como Boaventura explica acima, pela contemplação, que seria a fase inicial, o indivíduo somente conseguia entender que as coisas existiam e que estavam ao seu redor. Pela fé, compreenderiam que além de existirem tinham uma finalidade, criada por Deus, para estarem ali. Pelo intelecto, os homens conseguiam analisar a finalidade de cada coisa. Cada uma das coisas tinha um ciclo a ser cumprido e, por meio do raciocínio, utilizariam todas as coisas para o benefício da humanidade.

Essas questões apresentadas por Boaventura revelam a preocupação que o autor tinha em ensinar e mostrar a necessidade de revelar à uma sociedade com mudanças de comportamentos e de sentimentos, que as alterações sociais não, necessariamente, encaminham as pessoas à descrença divina. Segundo o autor, as transformações ocorriam, mas tudo que se transformava e era alterado pelos homens, só era possível porque Deus oportunizava essas mudanças por meio da sabedoria divina.

Desse modo, o sacerdote representava um líder que deveria, por meio da inteligência, examinar o fim intencionado, ou seja, dirigir os seus olhos para a alma e ter afeto, amor e a devida intenção de ensinar os seus discípulos a crer em Deus. Para isso ele precisaria, sempre, estar atento.

[...] examinas o que desejas. Não suceda te acercares por avareza, ou por temor, ou por vanglória, ou por rotina, ou por motivo de complacência mundana e de algum favor temporal, porque muitos, hoje em dia, abusam para sua perdição do que se lhes deu para a sua salvação. Ai, Senhor Deus, quantos desgraçados se acercam das ordens sacras e dos divinos mistérios, que não vão em busca do pão celestial, e sim do terrestre; não do espírito, mas do dinheiro; não da honra de Deus, mas da sua ambição; Não da salvação das almas, porém da sua comodiade; não de servir a Cristo com a pureza da alma e de corpo no sagrado mistério, e sim para gozar, enriquecer-se, ensoberbecer-se, viver luxuosamente à custa do patrimônio de Cristo e

das esmolas do povo, e ambicionando dignidades eclesiásticas que eles roubam ou arrebatam com muitos litígios ou sinônimos; não chamados por Deus, mas impelidos pelo demônio.²¹

A passagem apresentada acima revela a existência de uma crise moral que atingia parte dos sacerdotes. Neste sentido, ele destacou no Tratado a necessidade de o sacerdote recuperar os valores fundamentais ao cristão como a justiça, a bondade, a pobreza, a humildade, dentre outras.

Neste sentido, o *Tratado de preparação para a missa* apresentado por Boaventura, detalha vários pontos que enriquecem as suas discussões e valorizam as apresentações que esse ator faz sobre Deus, a inteligência, a crença em tudo que foi criado pelo Senhor e sobre os Mandamentos Divinos.

Ele embasa a discussão acima revelando que um representante da Igreja deveria seguir, com rigor, todos os Ensinamentos Sagrados e que, se pecasse não teria autoridade para liderar os seus discípulos. O sacerdote, como o mestre revelava, teria que examinar sua alma, sua intenção, o valor das orações, sua pregação, sua interpretação e, por fim, seus sentimentos.

Por isso, podemos analisar que um dos maiores desafios deste mestre pois, como franciscano, adentrar em um mundo intelectual (Universidade de Paris) e apresentar as suas análises explicando que a maior necessidade do homem, seria desenvolver o seu intelecto para poder agir e controlar seu intelecto cognitivo.

Para ele, os próprios indivíduos deveriam entender que as exigências criadas propunham um questionar e interpretar sobre as coisas que estavam imbricadas no seu cotidiano e de compreenderem que apesar de existir uma gama de explicações para determinadas coisas, a interpretação só poderia vir do único mestre, Cristo, que teria escrito, com todos os detalhes, qual era o caminho a ser seguido na Terra e que, se bem cumprido o ser humano teria a sua recompensa, ou seja, a vida eterna.

Nesse sentido, é possível vislumbrar a importância desse autor, dentro do seu contexto histórico, fazendo a defesa do indivíduo como conhecedor das coisas por meio dos Ensinamentos Sagrados, pelo qual ele tinha explicação para todas as coisas criadas pelo Senhor e todas as ações do homem na Terra. Para Boaventura, os indivíduos poderiam conhecer o mundo e as coisas na sua íntegra, visando realmente o seu significado e a sua importância para a sua vida, pois Deus deu tudo a eles com a sua devida função. A exploração

de tudo e conseqüentemente o conhecer da realidade, daria o discernimento de compreensão das coisas possíveis de serem analisadas e compreendidas pela fé, ou seja, porque o Criador possibilitou a sua criação. Por meio dessa perspectiva, do desenvolvimento da inteligência, resultando na sabedoria, razão temporal se subordinava a razão prática, pela qual a mente autorizava o conhecer pelo uso do intelecto como fundamento de compreensão. Porém, Boaventura ainda esclarece que o ensinar era algo que Deus possibilitou e só era possível pelo desenvolvimento da inteligência.

Desse modo, podemos afirmar que Boaventura representa para nós um patrimônio histórico religioso, porque nos favorece uma compreensão dos fundamentos relacionados aos aspectos da cultura ocidental que trata sobre os valores éticos e morais da humanidade. Para essa afirmação mencionaremos uma discussão realizada por Marc Bloch, na qual ele assevera que, as questões históricas as vezes permanecem, duram por longo período, ou como menciona perpetuam. Porém, nem sempre correspondem com o mesmo significado. Por exemplo, a ressurreição de Cristo, no presente, já não representa a mesma preocupação, como ressuscitou ou porque ressuscitou e sim, como os homens ainda crêem na sua ressurreição.

Entretanto, pelo facto de o passado não explicar todo o presente, será caso de julgar que o passado é inútil para a sua explicação? O que é estranho é que a questão hoje, se possa pôr. Na realidade, até uma época muito próxima de nós tal questão afigurou-se quase por unanimidade antecipadamente resolvida. “Todo aquele que se ativer ao presente, ao actual, não compreenderá o actual”.²²

O passado não responde o presente mas, para Bloch, apresenta as questões que suscitaram outrora e que ainda se fazem presentes, de maneiras diferentes, porém, que expressam o desenvolvimento das ações humanas.

Logo, finalizaremos esse estudo analisando que os ensinamentos perpassados por Boaventura, no interior da Universidade de Paris da segunda metade do século XIII, mostravam que a inteligência era uma iluminação divina, dada por Deus à todos os seres humanos e que o primordial era esses indivíduos saberem desenvolver o intelecto por meio de uma análise sobre os Ensinamentos Sagrados. Aqueles que conseguissem fazer uso do intelecto para o bem, estariam seguindo os Ensinamentos Divinos e entenderiam que Deus estava unificado ao homem pela própria inteligência. Dessa forma, eles fariam uma reflexão das questões sociais que estavam prevalecendo, e compreenderiam os valores cristãos a serem seguidos, para paz individual e coletiva.

NOTAS

- ¹ SAINT BONAVENTURE. Première Conferènce. In: *Les Six Jours de La Création*. Trad, introduction et notes de Marc Ozilou. Paris. Desclée/Cerf : 1991.
- ² SÃO BOAVENTURA. Cristo Único Mestre. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ³ SÃO BOAVENTURA. Redução das ciências à Teologia. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ⁴ SÃO BOAVENTURA. Brevilóquio, III parte. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ⁵ SÃO BOAVENTURA. Redução das ciências à Teologia. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ⁶ SÃO BOAVENTURA. Redução das ciências à Teologia. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ⁷ SÃO BOAVENTURA. Redução das ciências à Teologia. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ⁸ SÃO BOAVENTURA. Redução das ciências à Teologia. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ⁹ SÃO BOAVENTURA. Redução das ciências à Teologia. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ¹⁰ SÃO BOAVENTURA. Tratado de preparação para a missa. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ¹¹ SÃO BOAVENTURA. Tratado de preparação para a missa. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ¹² SÃO BOAVENTURA. Tratado de preparação para a missa. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ¹³ SÃO BOAVENTURA. *Legenda Maior e Legenda Menor*: Vida de São Francisco de Assis. Petrópolis, Vozes: 1979.
- ¹⁴ SÃO BOAVENTURA. Tratado de preparação para a missa. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ¹⁵ SÃO BOAVENTURA. Tratado de preparação para a missa. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ¹⁶ SÃO BOAVENTURA. A perfeição da vida. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ¹⁷ SÃO BOAVENTURA. A perfeição da vida. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ¹⁸ SÃO FRANCISCO DE ASSIS. *I Fioretti*. Trad. Durval de Moraes. III edição. Petrópolis:Vozes, 1959.
- ¹⁹ SÃO BOAVENTURA. Tratado de preparação para a missa. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.
- ²⁰ SÃO BOAVENTURA. Itinerário da mente para Deus. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.

ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

²¹ SÃO BOAVENTURA. Tratado de preparação para a missa. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Trad. De Luis A. De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei S. Schneider. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul: 1983.

²² BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Coleção saber. Publicações Europa-América. s/d.